

O REGICIDIO

Uma carta de Guerra Junqueiro

Desmentindo um telegramma—O poeta apreciando o atentado de 1 de fevereiro

A *Voz Publica* e o *Norte* publicem hoje a seguinte carta de Guerra Junqueiro, que obsequiosamente nos foi transmitida pelo telephone:

Meus amigos:—Antes d'hontem, em viagem, regressando de Hespanha, li, por acaso, no *Noticias de Lisboa*, do dia 5, um telegramma de Salamanca, a meu respeito, com declarações que não fiz e idéas que me não pertencem.

Deduzia-se do telegramma que eu amaldiçoara o atentado, julgando, por elle, comprometida a causa da República. E' falso. A um illustre hespanhol meu amigo, um dos primeiros a interrogar-me sobre a formidavel tragedia, respondi o seguinte: «Não mataram o rei—suicidou-se (1). Orei era um monstro malefico, perturbador consciente de 4 milhões de creaturas. Se eu pudesse mata-lo em segredo, de longe, na minha cama, com o pensamento, não o mataria. Pela verdade, tenho a coragem de acusar. Talvez chegasse, não sei bem, até á coragem de morrer. Matar, não mataria nunca.»

«O partido republicano nem organisou nem aconselhou o atentado. O atentado foi obra unica de dois homens e, comtudo, as balas de morte partiram da alma da nação. Foi um atentado nacional, um raio esplendido, pavoroso, exterminador, salvador. O raio condensou-se em duas almas, mas a electricidade que o gerou saiu da alma de nós todos. Todos nós somos cumplices».

Eis a impressão instantanea e fiel que a morte do rei me causou, ao ter d'ella noticia em Salamanca.

Hoje acrescentarei que lamento de olhos enxutos a execução do monarcha. Mas se tivesse o dom de o ressuscitar não o levantaria do seu tumulo.

Deploro, angustiado deante do cadaver dos homicidas e descobro-me ajoelhando com um fremito de terror e lagrimas de piedade e—porque não hei de confessal-o?—de admiração e carinho. Mataram? é certo. Ferozes? sem duvida. Mas crueis por amor, ferozes por bondade.

Abjectos e miseraveis são os que por egoismo e cobardia, calando e cruzando os braços, deixam morrer os innocentes.

Justiça perfeita, só no perfeito amor.

O santo não destroe. Mas quando o evangelho do santo secunda

teu cofre fortel Sim, é por causa d'ella que eu estou de volta, depois de uma tão longa ausencia. Tinha jurado a mim mesmo que nunca mais voltaria. Não pude cumprir a minha promessa. Volto por

as almas nobres ainda impuras, a misericordia humilde converte-se de repente em combatividade heroica e generosa, que as leva ao odio e ao exterminio, pela justiça e pelo amor. São d'esta familia, são heroes, os dois regicidas portuguezes.

Libertaram morrendo e sacrificando-se.

Idealidade, valor, desinteresse, abnegação, heroes. Mataram um grande criminoso e o seu filho innocente. E' horrivel.

Mas para elles, na sua concepção da Historia, materialista e fanatica, o filho do Rei era a vergonteia da arvore, da arvore de má sombra. Queriam cortal-a pelo tronco. Idéa barbara e cruel. A violencia deshumana do acto formidavel remiram-n'a os algozes heroicos, lavando com o proprio sangue o sangue innocente que verteram.

Mataram com atrocidade, e com atrocidade foram mortos. Expiaram a vida, purificaram o acto. E o acto, assim purificado, surge-nos grande e luminoso, na essencia intima. Deu-nos a paz, que fugira da Patria, deu-nos a alegria, que se evolára das almas. Libertou-nos,—harmonisou e serenou. D'esses dois corpos plebeus, varados de balas, crivados de golpes, irradiou amor, affecto, descanço para a Nação inteira. Ha um rei no throno. Mas hoje, n'esta hora de liberdade e clemencia, póde dizer-se que são elles os dois regentes do reino.

Vosso cordeal amigo.

Porto, 10.

GUERRA JUNQUEIRO.

(1) Precisamente a mesma phrase que Brito Camacho escrevia na *Lucta*, talvez á mesma hora.